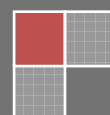


2008

“E depois quero ter filhos”

[Type the document subtitle]

Crónica na revista Com'Out, Setembro 2008



“E depois quero ter filhos”

Não há praticamente história de *coming out* que não contenha uma frase sobre o problema de “não poder ter filhos”. Ou o sentimento é d@ própri@ ou é projectado nos pais, “tristes por não poderem ter netos”. Deixemos de lado a questão da pressão social para a reprodução – e o facto de ser totalmente natural e aceitável não ter filhos. Vamos, sim, directos ao assunto: é que gays e lésbicas, se não forem inférteis, *podem* ter filhos. Não podem, é claro, ter filhos *biológicos* de *ambos* ou *ambas*. Muita gente acha que os verdadeiros filhos (e pais...) são os biológicos, sendo os outros meras aproximações, soluções de segunda. A nossa cultura tem sido dominada, desde há século e meio, por esta ideologia biologista. De tal modo que as nossas leis reflectem isso mesmo, concedendo à biologia uma autoridade que ela só pode ter se lhe for atribuída pelas convenções (e garantida pela repressão).

As guerras entre biologia e cultura já não têm grande valor. Os cientistas da vida sabem hoje perfeitamente que a biologia não determina o social. Assim como os cientistas da sociedade e da cultura sabem que atribuímos à biologia qualidades e consequências que vêm, afinal, das nossas crenças. Estamos a transformá-la, mas ainda não nos livrámos duma cultura em que a biologia é investida da autoridade que outrora concedíamos à divindade (os fundamentalistas juntam mesmo as duas na ideia de Direito e Família *Naturais*...).

Apesar das leis biologistas e patriarcais que ainda vigoram em Portugal (mas não já noutros países) muitos gays e lésbicas sabem que podem reproduzir-se e construir famílias: através da adopção singular (pois os casais portugueses estão proibidos...), através da inseminação caseira (que a medicamente assistida está proibida às lésbicas portuguesas...), sós, em casal ou em co-parentalidade entre indivíduos ou casais. Contra toda a espécie de crítica social, limitações legais, policiamento e até surpresas desagradáveis resultantes do machismo e homofobia interiorizada de muitos gays, os filhos que fazemos e as famílias que construímos são cuidadosamente planeados, desejados, acarinhados e resultam de esforços que muitos heterossexuais julgariam impossível aguentar.

Porque nos damos ao trabalho? Muito simplesmente porque somos humanos e podemos também sentir o desejo de criar outros seres humanos a quem possamos amar incondicionalmente. Privilegiamos o aspecto social da parentalidade em detrimento do biológico; valorizamos o projecto e não a fatalidade; usamos a biologia, não somos escravos

dela. Em breve as histórias de *coming out* deixarão de ter aquele lamento infeliz e passaremos a dizer “e depois quero ter filhos”.